



Número 6 – Outubro 2017

**DIEESE**

## Pequenas expectativas, menores decepções

Apesar da falta de evidências de um processo de retomada sustentável da atividade econômica, alguns indicadores do mercado de trabalho apresentaram resultados diminutamente positivos<sup>1</sup>, insuficientes para causar otimismo. As comemorações em torno dessas divulgações devem-se às baixas expectativas vigentes e não à perspectiva de melhora no curto prazo da crise econômica e política vivenciada no país.

*13,1 milhões é o número de pessoas desocupadas no Brasil em agosto de 2017, 1,1 milhão a mais do que em 2016\**

*(\* Comparação do trimestre móvel jun/jul/ago - IBGE)*

### Taxa de desocupação caiu, mas continua maior do que no ano passado

A última Pnad Contínua, do IBGE, mostrou dados referentes ao emprego no trimestre móvel que se encerra em agosto (junho-julho-agosto). A pesquisa estimou queda de 0,7 pontos percentuais na taxa de desocupação em relação ao trimestre imediatamente anterior (março-abril-maio), que caiu de 13,3% para 12,6%. Ainda assim, essa taxa é maior do que a registrada no mesmo período do ano passado, quando foi estimada em 11,8%.

A Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) também revelou tendência de queda da taxa de desemprego no início do segundo trimestre. Na passagem de julho para agosto, essa taxa recuou no Distrito Federal e na Região Metropolitana de São Paulo (de 19,5% para 18,7% e de 18,3% para 17,9%, respectivamente); ficou estável na RM de Porto Alegre (de 10,4% para 10,3%); e variou positivamente em Salvador (de 24,0% para 24,2%).

### Saldo positivo no emprego formal revela pausa na destruição de postos formais de trabalho, mas não recuperação

Em setembro de 2017, com a criação de cerca de 34 mil vínculos formais de emprego, o Caged registrou saldo positivo pelo sexto mês consecutivo. Esse saldo, no entanto, é expressivamente inferior aos obtidos no mesmo período em anos anteriores à crise. Entre 2010 e 2014, por exemplo, o saldo de emprego formal do mês de agosto oscilou entre 101 mil e 299 mil.

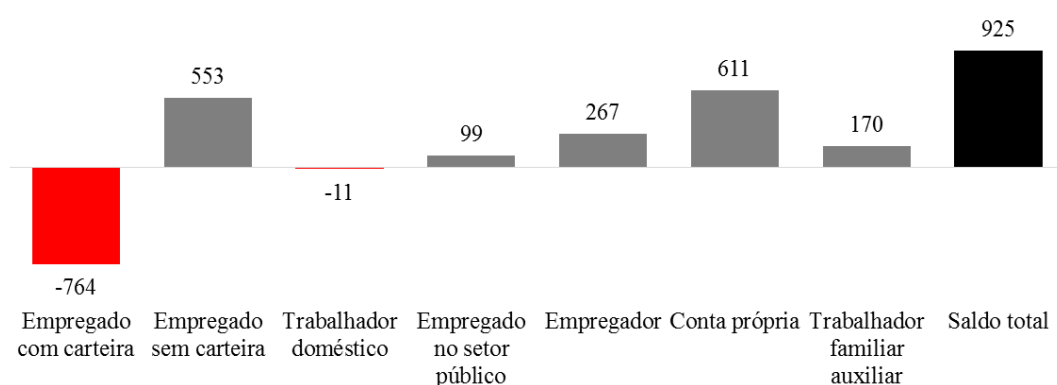
<sup>1</sup> Mais detalhes sobre a conjuntura econômica encontram-se no Boletim de Conjuntura de outubro de 2017, disponível em: < <https://www.dieese.org.br/boletimdeconjuntura/2017/boletimConjuntura012.html>>.

No acumulado do ano, foram criados 209 mil empregos. Nesse ritmo, o ano de 2017 dificilmente se encerrará com saldo positivo, uma vez que o mês de dezembro registra habitualmente saldo negativo de cerca de 500 mil postos. Além disso, também segundo o Caged, entre 2015 e 2016, quase 3 milhões de postos formais de trabalho foram fechados. A Rais registrou queda ainda maior para o período: 3,5 milhões de empregos formais perdidos, confirmando a dificuldade de se acreditar na recuperação do mercado de trabalho.

## Queda da desocupação ocorreu, em grande parte, devido à geração de postos de trabalho de baixa qualidade e pouco protegidos

A Pnad Contínua estimou em 91,1 milhões o número de ocupados no trimestre encerrado em agosto de 2017, contra 90,1 milhões no mesmo período do ano anterior, o que representa um crescimento de 1,0%. No entanto, esse crescimento ocorreu principalmente devido ao incremento de trabalhadores em atividades informais, ou seja, de empregados do setor privado sem carteira de trabalho e de trabalhadores por conta própria. Por outro lado, o número de empregados do setor privado com carteira de trabalho caiu 2,2%, o que significou uma redução de quase 800 mil ocupados nessa posição (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Saldo de ocupados por posição na ocupação entre jun-jul-ago/2016 e jun-jul-ago/2017 – Brasil (em 1.000 pessoas)



Fonte: IBGE. PNAD Contínua. Elaboração: DIEESE

De fato, as frágeis condições de existência e de trabalho obrigam grande parte dos trabalhadores a se inserirem no mercado de trabalho por meio do in(re)gresso em ocupações precárias. Os dados do painel da Pnad Contínua<sup>2</sup> indicam que cerca de 30,1% dos desocupados no primeiro trimestre de 2017 (jan-fev-mar) passaram à condição de ocupados no trimestre seguinte (abr-mai-jun). Desses, 28,2% o fizeram no que o IBGE classifica como “Ocupações elementares” – isto é, trabalhadores domésticos, trabalhadores ambulantes e outros trabalhadores em postos de trabalho ou em atividades pouco qualificadas. Esses trabalhadores representavam 18,1% do total da força de trabalho ocupada no segundo trimestre de 2017.

<sup>2</sup> Para captar o mesmo indivíduo na Pnad Contínua, foram utilizadas as informações de domicílio, sexo e data de nascimento. O tratamento utilizado para este Boletim resultou em uma subamostra, que contou com 63% da amostra original, mas com estimativas populacionais que se assemelharam aos resultados da amostra completa.

A PED também registrou a elevação do trabalho autônomo nas regiões metropolitanas, na comparação entre agosto de 2016 e agosto de 2017. Em São Paulo, Salvador e no Distrito Federal houve crescimento de 12,7%, 15,4% e 17,8%, respectivamente, no número de trabalhadores autônomos.

Em poucas palavras: os números do mercado de trabalho só não decepcionam se as expectativas quanto ao desempenho e recuperação econômica forem muito baixas.